

---

Oscar Wilde

---

# A ESFINGE SEM MISTÉRIO

THE SPHINX WITHOUT A SECRET



**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL

A COLEÇÃO PEQUENAS OBRAS PRIMAS foi concebida para selecionar textos brasileiros e estrangeiros da mais alta qualidade; capazes de despertar e prender a atenção dos leitores que apreciam a simplicidade de uma história bem contada e sobretudo bem escrita.

Como são escolhidas narrativas curtas, em poucas páginas e breves minutos o leitor sairá desse mundo fantástico com a certeza de ter desfrutado de um dos momentos essenciais da literatura, através de um livro pequeno no tamanho mas de excepcional grandeza na qualidade.

Como se vê, o objetivo aqui é contribuir para o prazer do hábito de leitura, num momento de expansão dos meios de comunicação multivisuais.

# A ESFINGE SEM MISTÉRIO

Título original:  
*The Sphinx Without a Secret*  
(*An Etching*)

Tipología: Original Garamond, 16  
Formato: 12 x 20 cm.  
Número de Páginas: 50  
2019

Oscar Wilde

# A ESFINGE SEM MISTÉRIO

THE SPHINX WITHOUT A SECRET  
Edição Bilingue

Tradução, Edição e Notas  
de Cid Seixas

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL

*Coleção*  
Pequenas Obras Primas

CONSELHO EDITORIAL:

Cid Seixas (UFBA-UEFS)

Dante Lucchesi (UFF)

Ester M<sup>a</sup> de Figueiredo Souza (UESB)

Flávia Aninger Rocha (UEFS)

Gildecio de Oliveira Leite (UNEB)

Capa:

Composição gráfica sobre a Mona Lisa  
de Leonardo da Vinci

Endereços deste e-book:

[www.e-book.uefs.br](http://www.e-book.uefs.br)

[www.linguagens.ufba.br](http://www.linguagens.ufba.br)

<https://issuu.com/e-book.br/docs/esfinge>

---

# SUMÁRIO

---

A Esfinge Sem Mistério,  
*página 9-24*

Texto original:  
The Sphinx Without a Secret,  
*página 25-40*

Anotações Subsidiárias:  
Segredos e Mistérios de um Dandi,  
*pagina 41-47*

*Ser natural é a mais  
difícil das poses.*

*Oscar Wilde*

---

# A ESFINGE SEM MISTÉRIO

---

*(Uma Gravura)*

Certa tarde, eu estava sentado do lado de fora do *Café de la Paix*, observando o misto de esplendor e degradação da vida parisiense. Enquanto desfrutava o sabor da minha bebida, assistia o estranho panorama de orgulho e miséria que passava diante de todos, até que ouvi alguém chamar o meu nome. Virei-me e reconheci o Lorde Murchison. Nós não nos víamos desde os tempos da faculdade, há quase dez anos atrás. Assim, fiquei muito feliz em encontrá-lo novamente e apertamos as mãos com alegria.

Em Oxford, éramos grandes amigos. Eu gostava muito dele; que era sobretudo elegante, espirituoso e honesto. Costumávamos dizer que ele seria o melhor dos companheiros, se nem sempre falasse a verdade; mas acho que, realmente, o admirávamos ainda mais pela sua característica franqueza.

Eu o achei bastante mudado. Ele parecia ansioso ou, talvez, preocupado, e sugeria estar em dúvida sobre alguma coisa. Achei que não poderia ser o ceticismo moderno, pois Murchison era o mais convicto dos conservadores e acreditava no Pentateuco tão firmemente quanto acreditava na Câmara dos Lordes. Então concluí que a causa de tudo poderia ser uma mulher; e perguntei se ele já havia se casado.

– Não entendo bem as mulheres – respondeu o meu amigo.

– Meu caro Gerald, as mulheres devem ser amadas e não compreendidas.

– Eu não posso amar a quem não posso confiar – respondeu ele.

– Acredito que você tenha algo não resolvido em sua vida, Gerald, – exclamei. – Conte-me alguma coisa sobre esse mistério.

– Vamos dar uma volta de carruagem, – respondeu ele – aqui está muito cheio de gente. Não, não uma carruagem amarela. Vamos escolher uma de qualquer outra cor; ali, aquela verde-escura serve.

E algum tempo depois estávamos comodamente trotando pela avenida na direção da Madeleine.

– Onde nós podemos ir? – perguntei.

– Oh, onde você quiser! Mas sugiro um restaurante no *Petit Bois*; jantaremos lá, onde você contará suas andanças, depois de tanto tempo que não nos vemos.

– Quero ouvir você primeiro, eu disse. – Conte-me o seu mistério.

Ele tirou do bolso um pequeno estojo prateado de marrocos e me entregou. Eu abri. Dentro havia a fotografia de uma mulher. Ela era alta e esbelta, e estranhamente graciosa com seus grandes olhos de vago mistério; e cabelos soltos. Ela parecia uma encantadora vidente e estava envolvida em trajes elegantes.

– O que você acha desse rosto? – ele perguntou – Sugere confiança, verdade?

Examinei-o com cuidado. Pareceu-me o rosto de alguém que tinha um segredo, mas não sei dizer se esse segredo era bom ou mau. Sua beleza era uma beleza formada por muitos mistérios; a beleza no rosto que é psicológica, não plástica; e o leve sorriso que apenas brincava nos lábios era muito sutil para ser realmente doce.

– Bem – ele gritou impaciente: – O que você diz?

– Ela é a Gioconda em vestes modernas. Deixe-me saber tudo sobre ela.

– Agora não, depois do jantar. – Ele respondeu e começou a falar sobre outras coisas.

Quando o garçom nos trouxe nosso café e os cigarros, lembrei a Gerald de sua promessa. Ele se levantou, andou duas ou três vezes pela sala e, afundando em uma poltrona, me contou a seguinte história:

– Uma tarde, eu estava andando pela Rua Bond por volta das cinco horas. Houve uma batida de carruagens e o tráfego ficou quase parado. Perto da calçada estava um pequeno carro amarelo, que, por um motivo ou outro, atraiu minha atenção. Quando passei, vi o rosto que lhe mostrei esta tarde. Ele me fascinou, imediatamente. Durante toda a noite, fiquei pensando nisso e no dia seguinte andei de um lado para o outro da rua, espionando cada carruagem e esperando aquela, amarela. Não consegui encontrar *ma belle inconnue* e, finalmente, come-

cei a pensar que ela era apenas um sonho.

E Gerald continuou respondendo à minha curiosidade: – Cerca de uma semana depois, jantei com Madame de Rastail. O jantar era às oito horas; mas às oito e meia ainda estávamos esperando na sala de estar. Finalmente, o criado abriu a porta e anunciou Lady Alroy. Era a mulher que eu estava procurando. Ela entrou muito lentamente, parecendo a luz da lua em renda cinza e, para minha intensa alegria, fui convidado a acompanhá-la durante o jantar. Depois que nos sentamos, observei inocentemente:

– Acho que lhe vi na Bond Street, há algum tempo, Lady Alroy.

Ela ficou muito pálida e me disse em voz baixa:

– Por favor, não fale tão alto; você pode ser ouvido.

Eu me senti infeliz por ter tido um começo tão ruim e, por causa disso, vol-

tei-me para o assunto das peças francesas. Ela falava muito pouco, sempre com a mesma voz musical baixa e parecia ter receio de alguém ouvir o que dizia. Eu me apaixonei imediatamente; estava estupidamente apaixonado, e a atmosfera indefinida de mistério que a cercava excitou minha curiosidade mais ardente. Quando ela estava indo embora, o que fez logo após o jantar, perguntei se poderia vê-la. Ela hesitou por um momento, olhou em volta para ver se havia alguém perto de nós e disse:

– Sim; amanhã às quinze para as cinco.

Eu implorei a madame de Rastail que me falasse daquela mulher encantadora; mas tudo o que pude apurar foi que ela era uma viúva com uma bela casa em Park Lane. Como naquela hora um desses conversadores cos pose de cientista iniciou uma enfadonha dissertação sobre viúvas, como exemplo da sobrevivência

dos mais aptos para o matrimônio, achei a cena pouco interessante, despedi-me e fui para casa.

E, assim, Lorde Murchison continuou a sua história de amor.

No dia seguinte, cheguei a Park Lane pontualmente, mas o mordomo me disse que Lady Alroy acabara de sair. Fui para o clube bastante infeliz e muito confuso, e depois de muito pensar escrevi uma carta para ela, perguntando se eu poderia tentar a sorte de encontrá-la um outro dia.

Não tive resposta por algum tempo, mas finalmente recebi uma pequeno bilhete dizendo que ela estaria em casa no domingo, às quatro; e com este extraordinário pós-escrito: ‘Por favor, não escreva aqui para casa novamente; explicarei quando nos encontrarmos’.

No domingo, ela me recebeu: foi perfeita e encantadora. Mas quando eu estava me despedindo para ir embora, ela me

implorou, se alguma vez eu tivesse oportunidade de escrever para ela, para endereçar minha carta à Senhora Knox, que cuida da Whittaker's Library, Green Street.

E acrescentou:

– Há razões pelas quais não posso receber cartas em minha própria casa.

Durante toda aquela estação, eu a vi com frequência, e a atmosfera de mistério nunca a deixou. Às vezes eu pensava que ela estava submetida ao poder de um homem, mas ela parecia tão inacessível que eu não podia acreditar nessa conjectura. Foi realmente muito difícil para mim chegar a alguma conclusão, pois ela era como um daqueles cristais estranhos que se vê nos museus, que são claros em um momento e em outro nublado.

Por fim, decidi pedir que ela aceitasse ser minha esposa. Já estava impaciente com o mistério incessante que ela impunha em todas as minhas visitas e nas pou-

cas cartas que enviei. Escrevi para ela no endereço da biblioteca para perguntar se ela poderia me ver na segunda-feira seguinte, às seis.

Respondeu que sim, e eu então ascendi ao sétimo céu da felicidade. Eu estava apaixonado por ela e pelos seus mistérios. Foi o que pensei naquela época, mas agora vejo de outro modo: era à própria mulher que eu amava. Toda aquela situação incompreensível me incomodava, me enlouquecia.

Por que o acaso me colocou no seu caminho?

– Você descobriu, então? – Eu perguntei.

– Acho que sim. – Respondeu ele. – Você pode concluir por si mesmo.

Quando chegou a segunda-feira, fui almoçar com meu tio e, por volta das quatro horas, vi-me na Marylebone Road. Meu tio, como você sabe, mora no Regent's Park. Eu queria chegar a

Piccadilly e peguei um atalho por muitas ruas pequenas e decadentes. De repente, vi na minha frente Lady Alroy, completamente encoberta e andando muito rápido. Ao chegar à última casa na rua, ela subiu a escada, pegou uma chave e entrou. ‘Aqui está o mistério’, eu disse a mim mesmo; e me apressei a examinar a casa. Parecia um tipo de lugar para alojamentos alugados. Na porta, estava o lenço que ela deixara cair. Peguei e coloquei no meu bolso.

Então comecei a considerar o que deveria fazer. Cheguei à conclusão de que não tinha o direito de espioná-la e me dirigi ao clube. Às seis telefonei para vê-la. Ela estava deitada em um sofá, usando um vestido de chá, feito de tecido prateado e sustentado por algumas pedras lunares de aparência estranha que ela sempre usava. E estava linda.

– Estou tão feliz em vê-lo, – disse ela.  
– “Hoje, eu não saí durante o dia todo.”

Eu a encarei com espanto e, puxando o lenço do bolso, entreguei a ela.

– Você deixou cair esta tarde na rua Cumnor, Lady Alroy – falei com muita calma. Ela olhou para mim aterrorizada, mas não fez nenhuma tentativa de pegar o lenço.

– O que você estava fazendo lá? – perguntei.

– Que direito você tem de me questionar?

– O direito de um homem que a ama.  
– Respondi. – Eu vim aqui para pedir que você seja minha esposa.

Ela escondeu o rosto nas mãos e explodiu em uma onda de lágrimas.

– Você deve me dizer – continuei.

Ela se levantou e, olhando-me diretamente no rosto, disse: ‘Lorde Murchison, não há nada para lhe dizer’.

– Você foi encontrar com alguém, eu creio. Este é o seu mistério.

Ela ficou muito branca e acrescentou:

– Eu não tenho ninguém.

– Você não pode me dizer a verdade?

– Exclamei.

– Eu já contei – ela respondeu.

Eu estava louco, frenético. Não sei o que disse, mas disse coisas terríveis para ela. Finalmente saí correndo de casa. Ela me escreveu uma carta no dia seguinte; enviei-a de volta, fechada como a recebi, e viajei em seguida para a Noruega, com Alan Colville.

Depois de um mês, voltei e a primeira coisa que vi no *Morning Post* foi a notícia da morte de Lady Alroy. Ela sentiu um calafrio na ópera e morreu em cinco dias, por causa de uma infecção nos pulmões.

Eu me calei sobre o acontecido, não vi, nem conversei com ninguém. Eu a amava tanto, tanto. Eu a amava tão loucamente. Bom Deus, como eu amei aquela mulher!

– Você foi à rua, à casa que ela frequentava? – Perguntei com a natural curiosidade pelo mistério.

– Sim – ele respondeu. – Um dia, fui à rua Cumnor. Eu não pude evitar; fui torturado pela dúvida. Bati na porta e uma mulher de aparência respeitável a abriu para mim. Perguntei-lhe se ela tinha quartos para alugar.

– Bem, senhor, – respondeu ela – as salas de estar estão abertas para alugar; não vejo a senhora que as ocupava há três meses e, como o aluguel não foi pago, o senhor pode tê-las.

– Foi essa a dama? – inqueri, mostrando a fotografia.

– É ela, com certeza! – Exclamou. – E quando ela volta, senhor?

– A senhora está morta – respondi.

– Oh, senhor, espero que não! – disse a mulher. – Ela era minha melhor inquilina. Ela me pagava três guinéus por

semana apenas para sentar em minhas salas de vez em quando.

– Ela conheceu ou encontrava alguém aqui? – Perguntei; mas a mulher me garantiu que não era assim, que ela sempre vinha sozinha e que não via ninguém.

– Mas que diabos ela fazia aqui?! – Exclamei, com tristes olhos d'água.

– Ela, simplesmente, sempre estava sentada na sala, senhor, lendo livros. E às vezes tomava chá. – Respondeu a mulher.

Como não sabia o que dizer, dei-lhe um soberano e fui embora.

– Agora, o que você acha que tudo isso significava? Você acredita ou não que a mulher estava dizendo a verdade?

– Acredito.

– Então por que Lady Alroy ia sempre até lá?

– Meu caro Gerald, – respondi – Lady Alroy era simplesmente uma mulher com uma mania de mistério. Ela alugou

esses quartos pelo prazer de ir até lá com o véu abaixado e imaginando que era uma heroína. Ela tinha paixão pelo mistério, mas ela mesma era apenas uma Esfinge sem mistério.

– Você acha mesmo?

– Tenho certeza disso – respondi.

Lorde Murchison pegou o seu estojo do Marrocos, abriu e olhou para a fotografia.

– Eu me pergunto se foi tudo assim!

– Disse ele, finalmente.

---

# THE SPHINX WITHOUT A SECRET

---

*(An Etching)*

An etching one afternoon I was sitting outside the Cafe de la Paix, watching the splendour and shabbiness of Parisian life, and thinking over my drink at the strange panorama of pride and poverty that was passing before me, when I heard someone call my name. I turned round, and saw Lord Murchison. We had not met since we had been at college together, nearly ten years before, so I was delighted to come across him again, and we shook hands warmly.

At Oxford we had been great friends. I had liked him a great deal; he was so handsome, so high-spirited, and so honourable. We used to say of him that he would be the best of fellows, if he did not always speak the truth, but I think we really admired him all the more for his frankness.

I found him a good deal changed. He looked anxious and worried, and seemed to be in doubt about something. I felt it could not be modern scepticism, for Murchison was the strongest of Tories, and believed in the Pentateuch as firmly as he believed in the House of Lords; so I concluded that it was a woman, and asked him if he was married yet.

– ‘I don’t understand women well enough,’ he answered.

– ‘My dear Gerald,’ I said, ‘women are meant to be loved, not to be understood.’

– ‘I cannot love where I cannot trust,’ he replied.

– ‘I believe you have a mystery in your life, Gerald,’ I exclaimed; ‘tell me about it.’

– ‘Let us go for a drive,’ he answered, ‘it is too crowded here. No, not a yellow carriage, any other colour - there, that dark-green one will do;’ and in a few moments we were trotting down the boulevard in the direction of the Madeleine.

– ‘Where shall we go?’ I said.

– ‘Oh, anywhere you like!’ he answered - ‘to the restaurant in the Bois; we will dine there, and you shall tell me all about yourself.’

– ‘I want to hear about you first,’ I said. ‘Tell me your mystery.’

He took from his pocket a little silver morocco case, and handed it to me. I opened it. Inside there was the photograph of a woman. She was tall and slight, and strangely picturesque with her large vague eyes and loosened hair. She

looked like a clairvoyant, and was wrapped in rich furs.

– ‘What do you think of that face?’ he said; ‘is it truthful?’

– I examined it carefully. It seemed to me the face of someone who had a secret, but whether that secret was good or evil I could not say. Its beauty was a beauty formed from many mysteries – the beauty, in face, which is psychological, not plastic – and the faint smile that just played across the lips was far too subtle to be really sweet.

– ‘Well,’ he cried impatiently, ‘what do you say?’

– ‘She is the Gioconda in sables,’ I answered. ‘Let me know all about her.’

– ‘Not now,’ he said; ‘after dinner;’ and began to talk of other things.

When the waiter brought us our coffee and cigarettes I reminded Gerald of his promise. He rose from his seat, walked two or three times up and down

the room, and, sinking into an armchair, told me the following story:

– ‘One evening,’ he said, ‘I was walking down Bond Street about five o’clock. There was a terrific crush of carriages, and the traffic was almost stopped. Close to the pavement was standing a little yellow brougham, which, for some reason or other, attracted my attention. As I passed by, there looked out from it the face I showed you this afternoon. It fascinated me immediately.

– ‘All that night I kept thinking of it, and all the next day. I wandered up and down that Row, peering into every carriage, and waiting for the yellow brougham; but I could not find *ma belle inconnue*, and at last I began to think she was merely a dream.

– ‘About a week afterwards I was dining with Madame de Rastail. Dinner was for eight o’clock; but at half-past

eight we were still waiting in the drawing-room. Finally the servant threw open the door, and announced Lady Alroy. It was the woman I had been looking for. She came in very slowly, looking like moonlight in grey lace, and, to my intense delight, I was asked to take her in to dinner.

After we had sat down I remarked quite innocently, "I think I caught sight of you in Bond Street some time ago, Lady Alroy." She grew very pale, and said to me in a low voice, "Pray do not talk so loud; you may be overheard."

— 'I felt miserable at having made such a bad beginning, and turned instead to the subject of French plays. She spoke very little, always in the same low musical voice, and seemed as if she was afraid of someone listening. I fell passionately, stupidly in love, and the indefinable atmosphere of mystery that surrounded her excited my most burning curiosity.

When she was going away, which she did very soon after dinner, I asked her if I might call and see her. She hesitated for a moment, glanced round to see if anyone was near us, and then said, "Yes; tomorrow at a quarter to five."

I begged Madame de Rastail to tell me about her; but all that I could learn was that she was a widow with a beautiful house in Park Lane, and as some scientific bore began a dissertation of widows, as exemplifying the survival of the matrimonially fittest, I left and went home.

— 'The next day I arrived at Park Lane punctual to the moment, but was told by the butler that Lady Alroy had just gone out. I went down to the club quite unhappy and very much uncertain, and after much thought wrote her a letter, asking if I might be allowed to try my chance some other afternoon.

I had no answer for several days, but at last I got a little note saying she would be at home on Sunday at four, and with this extraordinary postscript: "Please do not write to me here again; I will explain when I see you."

On Sunday she received me, and was perfectly charming; but when I was going away she begged of me, if I ever had occasion to write to her again, to address my letter to "Mrs. Knox, care of Whittaker's Library, Green Street." "There are reasons," she said, "why I cannot receive letters in my own house."

— 'All through the season I saw a great deal of her, and the atmosphere of mystery never left her. Sometimes I thought that she was in the power of some man, but she looked so unapproachable that I could not believe it. It was really very difficult for me to come to any conclusions, for she was like one of those strange crystals that one sees in

museums, which are at one moment clear, and at another clouded.

At last I determined to ask her to be my wife: I was sick and tired of the incessant secrecy that she imposed on all my visits, and on the few letters I sent her. I wrote to her at the library to ask her if she could see me the following Monday at six.

She answered yes, and I was in the seventh heaven of delight. I was infatuated with her: in spite of the mystery, I thought then – and so, I see now. No; it was the woman herself I loved. The mystery troubled me, maddened me. Why did chance put me in its path?’

– ‘You discovered it, then?’ I cried.

– ‘I fear so,’ he answered. ‘You can decide for yourself.’

– ‘When Monday came round I went to lunch with my uncle, and about four o’clock found myself in the Marylebone

Road. My uncle, you know, lives in Regent's Park. I wanted to get to Piccadilly, and took a short cut through a lot of shabby little streets. Suddenly I saw in front of me Lady Alroy, deeply veiled and walking very fast.

On coming to the last house in the street, she went up the steps, took out a key, and let herself in. "Here is the mystery," I said to myself; and I hurried on and examined the house. It seemed a sort of place for rented lodgings. On the doorstep lay her handkerchief, which she had dropped. I picked it up and put it in my pocket.

Then I began to consider what I should do. I came to the conclusion that I had no right to spy on her, and I drove down to the club. At six I called to see her. She was lying on a sofa, in a teagown of silver tissue supported by some strange moonstones that she always wore. She was looking quite lovely.

“I am so glad to see you,” she said; “I have not been out all day.”

I stared at her in amazement, and pulling the handkerchief out of my pocket, handed it to her.

“You dropped this in Cumnor Street this afternoon, Lady Alroy,” I said very calmly. She looked at me in terror, but made no attempt to take the handkerchief.

“What were you doing there?” I asked.

“What right have you to question me?” she answered.

“The right of a man who loves you,” I replied; “I came here to ask you to be my wife.”

She hid her face in her hands, and burst into floods of tears.

“You must tell me,” I continued.

She stood up, and, looking me straight in the face, said, “Lord Murchison, there is nothing to tell you.”

“You went to meet someone,” I cried; “this is your mystery.”

She grew dreadfully white, and said, “I went to meet no one,” “Can’t you tell me the truth?” I exclaimed. “I have told it,” she replied.

I was mad, frantic; I don’t know what I said, but I said terrible things to her. Finally I rushed out of the house. She wrote me a letter the next day; I sent it back unopened, and started for Norway with Alan Colville.

After a month I came back, and the first thing I saw in the Morning Post was the death of Lady Alroy. She had caught a chill at the Opera, and had died in five days from an infection of the lungs.

I shut myself up and saw no one. I had loved her so much, I had loved her so madly. Good god! how I had loved that woman!’

‘You went to the street, to the house in it?’ I said.

‘Yes,’ he answered.

One day I went to Cumnor Street. I could not help it; I was tortured with doubt. I knocked at the door, and a respectable-looking woman opened it to me. I asked her if she had any rooms to let.

“Well, sir,” she replied, “the drawing-rooms are supposed to be let; but I have not seen the lady for three months, and as the rent is owing on them, you can have them.”

“Is this the lady?” I said, showing the photograph.

“That’s her, sure enough,” she exclaimed; “and when is she coming back, sir?”

“The lady is dead,” I replied.

“Oh, sir, I hope not!” said the woman; “she was my best lodger. She paid me three guineas a week merely to sit in my drawingrooms now and then.”

“She met someone here?” I said; but the woman assured me that it was not so, that she always came alone, and saw no one.

“What on earth did she do here?” I cried.

“She simply sat in the drawing-room, sir, reading books, and sometimes had tea,” the woman answered.

I did not know what to say, so I gave her a sovereign and went away. Now, what do you think it all meant? You don’t believe the woman was telling the truth?’

‘I do.’

‘Then why did Lady Alroy go there?’

‘My dear Gerald,’ I answered, ‘Lady Alroy was simply a woman with a mania for mystery. She took these rooms for the pleasure of going there with her veil down, and imagining she was a heroine. She had a passion for secrecy,

but she herself was merely a Sphinx without a secret.'

'Do you really think so?'

'I am sure of it,' I replied.

He took out the morocco case, opened it, and looked at the photograph. 'I wonder?' he said at last.

*Women are meant  
to be loved, not to be  
understood.*

*Oscar Wilde*

---

# ANOTAÇÕES SUBSIDIÁRIAS: SEGREDOS E MISTÉRIOS DE UM DÂNDI

---

A breve narrativa de Oscar Wilde *The Sphinx Without Secret* situa-se entre os diversos contos publicados pelo autor ao longo da sua dramática vida. Nesta tradução do texto original para o português – feita especialmente para a coleção PEQUENAS OBRAS PRIMAS – julguei mais expressivo denominá-lo *A Esfinge Sem Mistério*, embora as versões existentes adotem o termo “segredo”, mais fiel à raiz latina da palavra usada no título inglês:

“secret” < “secretum”. Depois de lida a história, o leitor concordará, ou não, com as razões da escolha aqui imposta.

Ao decidir fazer uma edição bilíngue, isto é, incluindo também o texto em língua inglesa, creio que se amplia a utilidade deste e-book, que servirá para alunos de inglês que, além de poderem ler a tradução, terão acesso à própria escrita do romancista, contista e poeta do antigo Reino Unido.

Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde – longo nome com traços da orgulhosa aristocracia – nasceu em Dublin, na Irlanda, em meados do século XIX, após o exaurimento das estéticas romântica e realista; pleno período de ebulição e primeiros experimentos da modernidade, no campo da literatura e das artes.

Sua mãe, a escritora e estudiosa de questões tanto linguísticas quanto femininas Jane Francesca, também obteve destaque como uma mulher ativa e de

voz ativa, o que provavelmente influenciou de forma positiva na formação do filho.

O pai de Wilde era médico e conselheiro de destaque na sociedade irlandesa, além de pessoa de sólidos recursos financeiros. O filho escritor foi aluno brilhante, premiado em eventos de língua e literatura, incluindo aí a aptidão para os estudos clássicos, isto é, do grego e do latim.

Em consequência da sua experiência de vida, Oscar Wilde tornou-se responsável pela concepção de uma corrente estética capaz de responder aos seus valores pessoais e às inquietações artísticas de um rico momento de gestação de conceitos e ideias estridentemente novos. Assim é que o até então bem sucedido dândi foi convidado para fazer uma série de palestras, nos Estados Unidos, sobre o movimento por ele fundado –

abrangendo essa estética ancorada na beleza – e seus fundamentos históricos.

Convém não se perder de vista tanto o dandismo quanto a valorização da artificialidade que presidia o reluzente universo dessas concepções wildianas. Sua célebre frase (“Ser natural é a mais difícil das poses”) ilustra muito adequadamente o que aqui se observa, e cabe como uma luva nas bem cuidadas mãos do escritor.

Como justificativa para o culto quase obsessivo do luxo e dos artifícios burgueses e pós-românticos, pretendia-se usar o belo como forma de nublar a visão dos horrores provocados pela desigualdade de condições de vida entre as pessoas ricas e pobres. E ressalte-se que essa incômoda desigualdade é ainda mais acentuada pelo triunfo do *boom* industrial, na Inglaterra e nos seus subalternos países satélites.

Embora tivesse produzido, ao longo de duas décadas de gramourosa vida so-

cial e familiar, uma obra de alta qualidade, Wilde tornou-se famoso aos olhos do mundo menos pelo conhecimento dos seus livros e mais pela escandalosa repercussão de fatos de ordem estritamente pessoal.

Casado com uma dama de prestígio social, além de pai de dois filhos, o escritor – até então vitorioso nas suas conquistas e demandas – decidiu processar por calúnia e difamação um conceituado membro da nobreza do Reino Unido.

Recordo agora as palavras do poeta e estudioso de literaturas de língua inglesa Ildásio Tavares, de quem fui aluno no Instituto de Estudos Califórnia, no final dos anos sessenta do século passado. Ele insistia no fato de não ser conveniente se desafiar o poder da nobreza europeia. Esse desafio, como se sabe, foi o fim da brilhante carreira de Oscar Wilde. Segundo voz corrente na crônica

mundana de Londres, o escritor irlandês tinha um relacionamento afetivo com um dos filhos do Marquês de Queensberry, que o pai do rapaz considerava suspeito.

Acusado através de um expressivo bilhete que dizia “A Oscar Wilde, que assume atitudes de sodomita”, o irlandês resolveu pedir a detenção do nobre cavalheiro. Como durante o processo, nenhum dos dois lados aceitasse uma conciliação, a contenda adquiriu enorme repercussão, quando ficou comprovado o envolvimento de Wilde com homens conhecidos pela natureza pública da vida sexual, fortemente condenada pela moral vitoriana.

Após uma sequência de julgamentos, em maio de 1895 ele foi condenado a dois anos de prisão e a trabalhos forçados, por “cometer atos imorais com diversos rapazes”.

Começa aí a ruína da meteórica carreira do escritor, que passa a ser visto e julgado não mais pelo valor da sua multifacetada obra, mas pelo apagamento da sua reputação moral.

Durante algum tempo, as peças de teatro, o romance *O Retrato de Dorian Grey*, os contos e os poemas, até então admirados, foram obscurecidos ou julgados como frívolos e superficiais.

O reconhecimento da sua importância como artista só aconteceu após a morte, causada por moléstias oportunistas e pelo alcoolismo, em novembro de 1900, três anos depois de deixar a prisão.

Estrangeiro de si mesmo, Oscar Wilde viveu sos últimos anos em Paris, depois de se esconder sob outro nome e de ser abandonado pela grande roda de amigos e admiradores.

Endereços deste e-book:

[www.e-book.uefs.br](http://www.e-book.uefs.br)

[www.linguagens.ufba.br](http://www.linguagens.ufba.br)

<https://issuu.com/e-book.br/docs/esfinge>

Oscar Wilde nasceu na Irlanda, em Dublin, em meados do século XIX, após o exaurimento da estéticas romântica e realista e em pleno período de ebulição da modernidade no campo da literatura e das artes.

Sua mãe, a escritora e estudiosa de questões femininas e linguísticas Jane Francesca, também obteve destaque como uma mulher ativa e de voz ativa, o que pode ter influenciado positivamente a formação do filho.

Seu pai era médico e conselheiro de destaque na sociedade irlandesa. O filho escritor foi um aluno brilhante, premiado em estudos de línguas e literaturas, incluindo aí a sua aptidão para os estudos clássicos, isto é, de grego e latim.

# A ESFINGE SEM MISTÉRIO

Por fim, decidi pedir que ela aceitasse ser minha esposa. Já estava impaciente com o mistério incessante que ela impunha em todas as minhas visitas e nas poucas cartas que a envie. Escrevi para ela no endereço da biblioteca para perguntar se ela poderia me ver na segunda-feira seguinte, às seis.

*Oscar Wilde*

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL